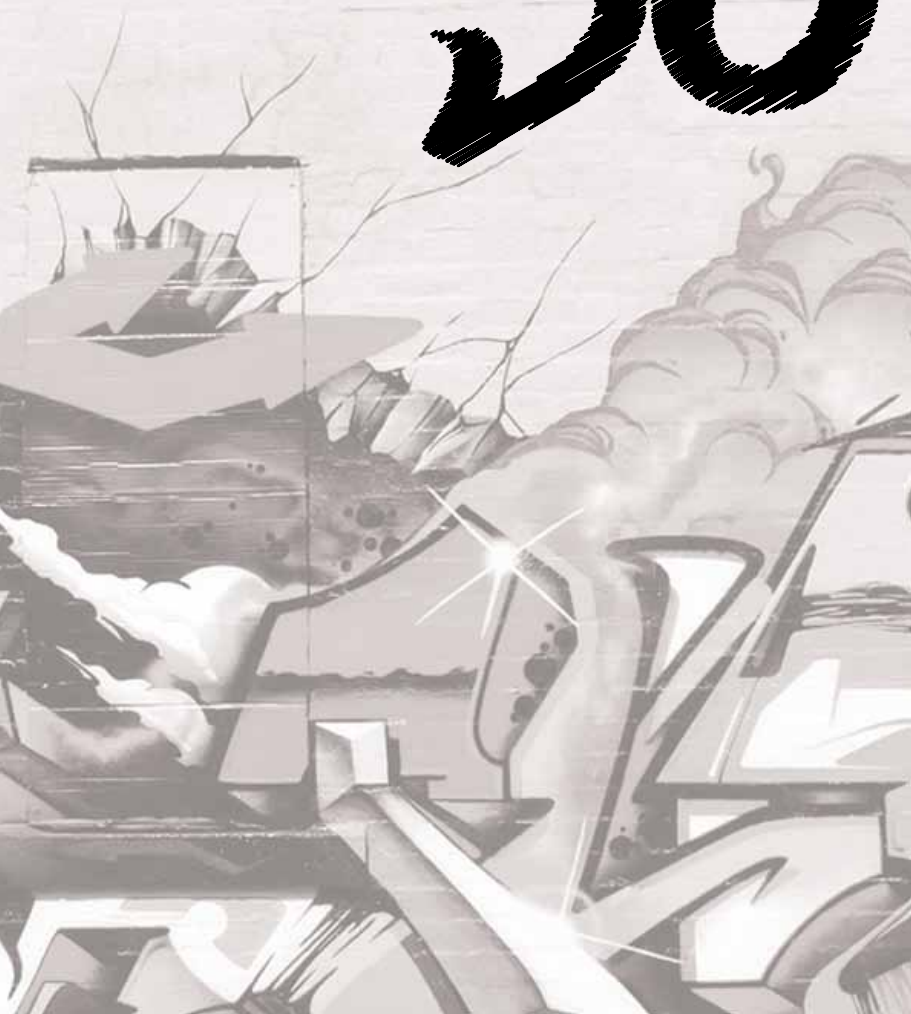


+50



DALTON MIRANDA

+50



BRASÍLIA, 2013.

Copyright © Dalton Miranda, 2013

LER Editora Ltda.
SIG Quadra 04 Lote 283 - 1º Andar
Tel.: (61) 3362-0008 - Fax: (61) 3233-3771
lereditora@lereditora.com.br
www.lereditora.com.br

Editor
Antonio Carlos Navarro

Projeto gráfico
Nathália Alencar

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Dalton
+ 50. Dalton Miranda. - Brasília: LER Editora, 2013
60 p. 12,5 x 17,5 cm.

1. Literatura, Brasileira. 2. Poesia I. Título.

CDU 82 -1

+50

Veado murmurou um
Veado gritaram muitos
Um corre para dana
Outro dá sem para

Xiii vai ter Copa aqui?
C'umé que gringo vai chegar?
Se o aeroporto tá pra saturar
Vai ter cama pra dormir?
E se nos 'branquelo' der piriri?

Apaga a velinha, gritaram em unísono
O estampido foi seco
A velhinha debruçada sobre
a criança assustada
E, assim, acabou a festinha de cinco anos
da primogênita

Norte, sudoeste
Sul, noroeste
Não, não é uma rosa dos ventos
Sou eu perdido em Brasília

Louco por uma bala
Cutuca, fustiga, embala
Até derrubarem o mala
Com uma certa bala

Minha mãe é igual a sua
Que igual à dele
Parecida com a nossa
Que é tudo mãe

Só te ouço quando quero
Quando quero não te ouço
Não falo, mas te entendo
Entendo e não te compreendo

Vela a velha
A velha ao lado da vela
Que no barco a vela
Lançará as cinzas da velha

Porcaria,
Faz a porcada
Porcaria,
Também é coisa da garotada

Perdi!
O que?
Aquilo que estava esquecido
O que era?
Não sei, pois estava perdido

Putá!
Reclama a puta
Muito puta
Com a outra puta

Ah, como doeu
O chão crescendo em câmera lenta
A cara amassada contra o asfalto quente
O latejar ... Os dentes voando longe
Merda de cadarço desamarrado

Bolsa LV, óculos Hermè
Lacoste, som para o apê
Um vem e vai
Na feira do Paraguai

A porta do armário desde sempre
Desde sempre esteve entreaberta
O soprar do vento dos tempos
Devagar, e sempre, a escancarou
O mundo é gay

A palavra mal dita
Na boca do maldito
Torna-se maldita
Pelo mal dito

Torpe, cerro os olhos
Pensamentos em ti
Languida, oferecendo-te a mim
Intempestivo, serro-te ao meio

Migo está comigo
Aponta o furo amigo
Comigo não está mais o Migo
Foi só um toque no umbigo

Tirania de Tiro
Tiro do mapa
Bala e o tiro
Tiro e vilania

Levanto e anoto
Anoto e repouso
Descanso e reparo
No preparo para novo pouso

Converse, com seu AllStar
Idas, com seu Adidas
Tênis com tênis
No laço ou descalço

As vontades, muitas
Os desejos, enormes
As taras, tantas
A realidade, pífia

Compartilho
Curto
Sigo
Contudo, não há toque no virtual

Toco, você foge
Encoxo, você se assusta
Sussurro, você ronrona
Tomo-te nos braços, acabamos na cama

O concerto d'uma peça
Não é o conserto d'uma peça
Um toca a música
Outro o negócio

Orar ajoelhado
Rezar penitenciando-se
Suplicar aos prantos
Trabalhar também ajuda

O fundo do poço não vi
Só o quase abraço de sua face escura
O fundo do poço não vi
Fiquei a um passo dali

Flores, rosas
Dores, choras
Amores, gozas
Sabores, provas

Liberta as dores
Dores que liberta
Um só grito dantes engasgado
Libertadores!

Dita tenta a dica
Dica pela tal dita
Dita a dica
Bendita seja a Dita

Tic, tac, tic, tac
Sssssssshhhh
3, 2, 1
Bum ...

A caça se confunde com o caçador
Na disputa de senador contra senador
O sujo e o mal lavado
Sociedade, amordaçada,
deixe-nos continuar e chafurdar!

Mentes entre dentes
Quando me fazes, com pudor
 Juras de amor
Pois afora a nossa mesmice,
Queres mesmo é sem-vergonhice

Jô Onze e Meia
Não é as onze, nem meia
É para depois de meia
Muita noite e cheia ...

Não,
Simples assim, não
Não,
Complicado assim, não

Um amarelou
Outro cansou
O dela o vento levou
O ouro frustrou

Atitude rude, verdade crua
É minha e é tua, desnuda
Não é apelativa, é regaço
Tapa na cara, com luva de aço

De puta, biscate, cortesã
Virou dama, personalidade com fã
Nada como
um dia (trepando) atrás do outro
Muita perseverança e afã

Tudo bem?
Sim, meu bem
Tudo bom,
Sim, meu bombom

Cantam loas ao negro
Que com a pena do justiceiro
Quase transformou a Carta
Em papel d'uma pataca

A pedreira no andaime assobia
A fera sente-se bela
A pedreira no andaime assobia
A bela fica uma fera

Nem tudo que penso
Escrevo
Mas, escrevo tudo que
Penso

Tomo poucas notas
Notas muito tortas
Tortas e destrás
Destras e canhestras

Construo, para que não destruam
Destruo, para que não possuam
Possuo, para que dividam
Divido, para que unam

Pobre cidadão
Obrigado a levantar a mão
Para o ladrão, para o leão
Na caneta e no três oitão

Primeira
Um, dois, ..., dez metros
Segunda
Um metro, e, ..., primeira ...

Ai, gemem poucas
Ai, gritam muitas de dor
Ai, histéricas blasfemam algumas
Ai, ai, ai, lamentam os homens

Segue em desalinho
No reto caminho
Passo ao paço
Ao largo a passinho

Adolescentes são mais chatos que crianças
Crianças, que são menos chatas que adultos
Que são tão chatos quanto
Adolescentes e crianças

Não atices o biltre
Pois se tu esqueceres o alvitre
Prepara-te para enfrentar
A ode bêbada e o drible

Peça um tempo ao tempo
Pois peça quem ao tempo
Não pede um tempo
Deixando passar o tempo

O que é o tempo
Para quem não se dá um tempo
Com receio d'um contratempo
Antes do tempo

Não recebo afeto
Nem meio metro
Sem ao menos teto
Tão pouco concreto

Estava esperando
Esperando e tomando
Tomando e esperando
Aulas de esperanto

Letras jogadas aos cestos
Há um bom punhado de textos
Provavelmente, fora de contextos
Pois em bons termos,
são meros sextos pretextos

Sou um puto
Sem um puto
Para comprar um puto
O que me deixa puto!

